

A AVALIAÇÃO ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA DEMOCRÁTICA DE EDUCAÇÃO

SCHOOL EVALUATION FROM A DEMOCRATIC PERSPECTIVE OF EDUCATION

Vera Regina Souza dos Santos¹
Tereza Souto Maior Barreto^{2 3}

RESUMO

Este trabalho traz resultados de uma pesquisa que intencionou investigar se a avaliação enquanto ação pedagógica tem garantido a evolução e a inclusão das/dos estudantes do Ensino Fundamental. Tem como foco os Anos Iniciais deste nível de ensino. Faz uma reflexão a partir de estudo bibliográfico e analisa as práticas avaliativas de um grupo de professoras do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Por meio de um questionário aplicado, identificou-se o que elas consideravam mais adequado a uma educação democrática, no sentido de promover a inclusão de fato de todas/os estudantes. O trabalho concluiu que o modelo que efetivamente o promove é aquele que, ao viabilizar os atos de planejamento e replanejamento – a partir da identificação de características do processo de conhecimento daquelas/es – promove a produção de conhecimentos significativos.

Palavras-chaves: avaliação escolar; funções da avaliação; educação democrática.

ABSTRACT

This paper presents the results of a study aimed at investigating whether evaluation as a pedagogical practice has ensured the evolution and inclusion of students in Elementary Education, with a focus on the Early Years of this educational level. The research includes a bibliographical review and analyzes the evaluation practices of a group of teachers from the 1st to 5th grades in a public school in Rio de Janeiro. Through a questionnaire, the study identified what these teachers considered most appropriate for a democratic education, specifically in terms of promoting the genuine inclusion of all students. The findings concluded that the model which most effectively promotes democratic education is one that facilitates planning and replanning activities based on

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação e Currículo (GEPAC) da UNIRIO. e-mail: verarsantos@yahoo.com.br.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. e-mail: tsoutomaior@gmail.com.

³ O expediente da Revista Debates Insubmissos expressa todo respeito e pesar pelo falecimento da autora Teresa Souto Maior Barreto, ocorrido no dia 21/05/2023. O falecimento da autora ocorreu após a submissão do presente artigo, tendo seguido todos os trâmites até a aprovação. Após decisão editorial pela publicação do material a coautora foi consultada, bem como, a família da Profa. Tereza Barreto, que expressaram, através do seu esposo Fabio Gil do Nascimento e do seu filho Hugo Souto Maior do Nascimento o desejo da manutenção do nome dela neste texto. Nota da edição.

identifying the characteristics of the students' learning processes, thereby fostering the production of meaningful knowledge.

Keywords: *School evaluation; evaluation functions; democratic education.*

INTRODUÇÃO

Nos meios escolares e acadêmicos questões relacionadas ao processo de avaliação vêm sendo discutidas há muito tempo. Os tipos, os instrumentos e a finalidade da avaliação são temas recorrentes em debates, nos quais os posicionamentos são diversos. A avaliação é um processo importante para a construção de conhecimento por parte do aluno, percebendo as suas especificidades, o seu progresso e sua promoção. E, para o educador, ela é fator relevante no que diz respeito ao planejamento e replanejamento de suas ações pedagógicas. Refletir sobre o processo avaliativo, assim como sobre as ferramentas que direcionam o como avaliar, sobre quem é avaliado, para que ou por que se avalia é uma ação importante das/os professoras/es.

A avaliação escolar tem sido foco de muitas pesquisas, reflexões e discussões. Percebe-se a necessidade de mudança, devido ao cenário preocupante com que nos defrontamos (de evasão escolar e reprovações), quando se deveria estar garantindo a continuidade da escolarização das/dos estudantes. Entendendo a avaliação como um processo contínuo e permanente na vida de todos os envolvidos no contexto educacional, ressalta-se que ela se constitui também uma ação necessária para que o professor possa fazer uma leitura de seus alunos em relação à forma de pensar, de se expressar e compreender as situações conforme suas especificidades. Sendo assim o/a professor/a deverá buscar a melhor maneira de avaliar. É necessário perceber erros e acertos embutidos no processo de avaliar, para que a educação se efetive em uma perspectiva democrática de fato.

O presente trabalho é resultado de uma investigação que teve por objetivo verificar se a avaliação do trabalho com o primeiro segmento do Ensino Fundamental tem contribuído

para uma educação democrática. E que teve como objetivos específicos: a) caracterizar os diversos conceitos de avaliação escolar; b) identificar as funções da avaliação; c) compreender o posicionamento das professoras desta etapa de escolarização em relação à avaliação escolar. Concebendo a escola como campo de pesquisa, buscou-se confrontar teorias sobre avaliação escolar com a realidade das instituições, observando suas principais características e aplicabilidades.

Para alcançar os objetivos propostos foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica, por meio do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas da web, sites (Fonseca, 2002), para conceituar os tipos de avaliação. E para compreender o modelo de avaliação que melhor se adequa ao trabalho do primeiro segmento do Ensino Fundamental foi feita uma pesquisa de campo que se constituiu num questionário on-line aplicado a professoras de uma escola da rede municipal de educação do município do Rio de Janeiro (do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental), localizada na Zona Norte da cidade.

A primeira parte do trabalho busca conceituar a avaliação, enfocando-a em diferentes contextos político-sociais. Nela, são tratadas diferentes concepções de avaliação. A seguir são abordadas as funções da avaliação, sendo apresentadas as características das avaliações diagnóstica, formativa e somativa. A terceira parte traz a metodologia da investigação e a análise dos dados, ressaltando as possibilidades de compreensão das representações das professoras da escola – denominada nesta investigação de Esperança – sobre a avaliação.

1. AVALIAÇÃO E CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL

A educação escolar encontra-se calcada em correntes pedagógicas. Assim, vemos educadoras/es buscando uma pedagogia libertadora e transformadora e outras/os docentes amarradas/os a uma pedagogia reprodutivista, que mantém o sistema seletivo. Podemos perceber práticas avaliativas não alinhadas a um modelo teórico explícito ou projetos pedagógicos claramente delineados e o sistema de ensino condicionando os professores a uma variedade de regras e determinações de avaliação. A avaliação fruto da pedagogia

reprodutivista é, como tal, autoritária e antidemocrática, valendo-se, assim, de ameaça e tortura (Luckesi, 2005).

Nesta forma de avaliar, a/o professora/or constata apenas aquilo que o aluno sabe, em provas e testes extremamente objetivos. A escola que segue uma postura rígida e burocrática, desapropriando a/o docente de sua autonomia e direcionando o desenvolvimento do seu trabalho pelo livro didático, faz com que a/o estudante se torne alienada/o e descontextualizada/o, recaindo esta alienação sobre ela/ele, o que aumenta o percentual de reprovação. No entanto, as ações de uma pedagogia libertadora, transformadora (Freire, 1996), propiciam a formação de um sujeito crítico, autônomo sendo capaz de se reconhecer como sujeito histórico-social, de lutar pelos seus direitos e exercer a sua cidadania.

A ação de avaliar é inerente ao ser humano: tudo é passível de alguma ideia de valor, de uma apreciação, de um juízo. Estamos sempre observando e avaliando. Cada indivíduo é um ser único, que possui suas características próprias, sua forma e sua maneira de pensar, agir, observar, aprender e construir o conhecimento. O termo avaliar é muito abrangente, mas aqui faremos seu recorte e iremos restringi-lo à avaliação escolar propriamente dita. Inicialmente veremos o que dizem alguns autores a esse respeito.

Segundo Hoffmann (2003), a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício da/o estudante e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado. Para Luckesi (2005), a avaliação deve ser um ato de amor, que acolhe atos, ações, alegrias e dores, procurando não julgar. É importante que haja uma relação de confiança entre o professor e os alunos para que estes possam se sentir à vontade na questão que diz respeito aos “erros” e a não construção de determinados conhecimentos.

Segundo Asubel, Novak e Hanesiam (*apud* Antunes, 2008, p.10):

Avaliar significa emitir um julgamento de valor ou mérito, examinar os resultados educacionais para saber se preenchem a um conjunto particular de objetivos educacionais.

Para Tyler (*apud* Hoffmann, 1991, p. 40),

[...] a avaliação é um processo destinado a verificar o grau em que mudanças comportamentais estão ocorrendo (...) A avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos.

Para Hastins e Madaus (*apud* Antunes, 2008, p. 9), "a avaliação é a coleta sistemática de evidências por meio das quais determinam-se mudanças que ocorrem nos alunos e como elas ocorreram". Já de acordo com Russo (2010, p. 256),

[...] avaliar não pressupõe encontrar erros, falhas, defeitos, mas, sim envolve determinar o valor da ação educadora e o desenvolvimento individual do aluno. Avaliar significa refletir sobre a prática educativa e conhecer o aluno em relação a ele mesmo.

Segundo Cagliari (1998, p. 62),

[...] a avaliação deve contemplar um julgamento sobre o que os alunos fazem para aprender e sobre o que o professor faz para ensinar, para que o ensino e a aprendizagem aconteçam da melhor maneira possível.

52

Avaliação, assim, é o conjunto de ações com objetivo de coletar informações sobre o processo de aprendizagem da/o estudante, identificando avanços e dificuldades, com a finalidade de perceber quais serão as ações pedagógicas necessárias para contribuir na construção do conhecimento. Avaliar é um processo difícil de executar na prática educativa. A/O professora/or não tem como *mensurar* e nem *quantificar* o conhecimento de seus alunos. Na tentativa de acertar, utiliza instrumentos avaliativos, que são maneiras diversas para averiguar se de fato a aprendizagem aconteceu.

A avaliação não deve seguir paralelamente ao processo de aprendizagem, mas sim estar inserida neste contexto. Avalia-se para compreender e explicar o processo de aprendizagem, para entender o caminho percorrido, identificar as falhas e, da melhor maneira possível, ajudar a superar os problemas. Todos os envolvidos no contexto educacional – tais como escola, pais, educadores e educandos – devem avaliar e ser avaliados, pois todos estão

interligados e a prioridade é, e sempre será a/o aluna/o. Podemos, assim, identificar um modelo reprodutivista e um modelo libertador de pedagogia.

1.1. Medir: pressuposto da pedagogia reprodutivista

Na pedagogia reprodutivista as/os professoras/es costumam ver como estanques os momentos de aprendizagem e avaliação. Durante o processo, se esforçam, incentivam a/o estudante e pedem participação. Ao fim do bimestre, formulam uma prova, atribuem um valor a cada questão e computam o resultado frio. Não importa se a avaliação é feita por conceito. É a/o professora/or quem estabelece uma nota para os determinados conceitos serem atingidos. Até a participação e o interesse são premiados com pontos que ajudarão a medir a/o educando e isto é confirmado por Luckesi (2005), que afirma que avaliação tem sido executada como se existisse independente do projeto pedagógico e do processo de ensino e, por isso, tem-se destinado exclusivamente a uma atribuição de notas e conceitos às/aos estudantes.

As questões dos instrumentos, das provas, são elaboradas de forma que não deixam a/o estudante expor seus pensamentos, seu ponto de vista, respondendo ao que lhe foi transmitido. Nessa concepção, a/o professora/or é o detentor dos saberes e a/o discente, mero receptor, que deverá estar apto a responder prontamente ao que lhe foi solicitado, ou seja, tudo aquilo que lhe foi transmitido, e não construído por ele.

A verificação do que foi aprendido se faz num ritual solene e solitário, onde prevalece um clima de tensão e medo, pois provas e testes serão usados para conferir valores ou conceitos que acompanharão o aluno por toda a sua vida. Luckesi (2005) menciona que o educando, como sujeito humano, é histórico; contudo, julgado e classificado, ele ficará para o resto da vida, do ponto de vista do modelo escolar vigente, estigmatizado, pois as anotações e registros permanecerão, em definitivo, nos arquivos e nos históricos escolares, que se transformarão em documentos legalmente definidos. O processo de avaliação do rendimento escolar, nesta concepção de avaliação, implica em dois momentos: medir e avaliar. No primeiro, tenta-se, por meio de um instrumento adequado, "medir" o desempenho do educando, isto é, simplesmente coletar e registrar seu desempenho; em seguida, avalia-se.

Na maioria das vezes, no sistema educacional, os docentes avaliam os alunos sem processar, primeiramente, os instrumentos adequados, as medidas oportunas. É o caso daqueles professores que já vão logo emitindo um juízo de valor sobre o aluno, sem antes tentar esgotar os registros dos desempenhos que, de forma integrada e organizada, justificariam tal juízo. A pertinência de um instrumento de medida é diretamente proporcional à clareza da definição dos objetivos no planejamento educacional e à precisa delimitação do grau de sua incorporação pelos alunos, que se pretende verificar na situação de avaliação específica.

1.2. Diagnosticar: pressuposto da pedagogia transformadora

Por longos anos a pedagogia reprodutivista dominou o ensino (e ainda domina a prática de alguns educadores) com o objetivo de manter a relação de dominação que faz parte do sistema capitalista. Educadores vêm, há alguns anos, lutando para modificar esta situação através da pedagogia transformadora na qual a escola deixa de ter o papel reprodutivista – que, conforme já sinalizado, objetiva manter a sociedade da forma como está organizada – e assume o papel de mediadora, onde se torna instrumento para a transformação da sociedade. Nesta perspectiva, a/o docente coloca a avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social (Luckesi, 2005).

Consequentemente, ela/ele deixa de ser um simples transmissora/or de conhecimentos e passa a construí-los juntamente com a/o estudante, que deixa de ser "depósito de informações" – a chamada educação bancária, segundo Freire (2002) – e passa a ter a visão crítica dos conteúdos apresentados. Sendo assim, as questões avaliativas não podem ser mais simplesmente objetivas; ao contrário, devem dar oportunidade aos alunos de expressarem seus pensamentos.

O momento da avaliação deixa de ser estanque e passa a fazer parte de todo o processo. As provas e testes, antes objetos “terroristas”, passam a ser tratados como forma de detectar o ponto em que se encontra a compreensão das/dos discentes em relação ao que foi

trabalhado. Esses instrumentos serão úteis a/ao docente, auxiliando em ações de replanejamento de atividades para trabalhar conteúdos que ainda não foram alcançados por alguns/mas. Luckesi (2005) explica que

[...] a avaliação serve de instrumento de verificação dos resultados planejados que estão sendo obtidos, assim como para fundamentar decisões que devem ser tomadas para que os resultados sejam construídos (Luckesi: 2005, p. 31).

Os caminhos da educação convergem para o desenvolvimento de competências em diferentes campos do saber. A escola tem autonomia de selecionar conteúdos a serem trabalhados de forma que as/os estudantes desenvolvam a capacidade de pensar e as habilidades de observar, relacionar, estruturar, analisar, justificar, sintetizar, inferir, correlacionar, preparando-a/o a exercer de forma consciente sua cidadania em sociedade de uma forma global.

Não há desenvolvimento humano sem avaliação. A avaliação é sempre necessária. O desafio é a formulação de um projeto de avaliação que não fragmente a experiência discente e que contemple as necessidades institucionais. A formação do ser humano em contexto escolar acontece em função da qualidade da avaliação que é feita, tanto das aprendizagens quanto do desenvolvimento humano de cada um.

A seguir detalharemos as funções de avaliação e seus objetivos.

2. FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

A avaliação tem sido foco de discussões no âmbito escolar. Ao longo dos anos, ela vem sofrendo modificações, pois é uma das ferramentas de que a/o professora/or necessita para poder fazer uma leitura das/os estudantes na forma de pensar, de se expressar e compreender as situações conforme suas especificidades, pois cada ser é único, e se faz necessário um olhar diferenciado para cada estudante:

Se entendermos que os estudantes aprendem de variadas formas, em tempos nem sempre tão homogêneos, segundo as diferentes vivências pessoais e experiências anteriores e, junto a isso, se entendermos que o papel da escola deva ser o de incluir, promover crescimento, desenvolver possibilidades para que os sujeitos realizem aprendizagem, socializar experiências e perpetuar e construir cultura, nós devemos entender a avaliação, como promotora desses princípios e, portanto, seu papel não deve ser o de classificar e selecionar os estudantes, mas sim o de auxiliar professores e estudantes a compreenderem de forma mais organizada seus processos de ensinar e aprender (Fernandes, 2007, p.105).

Sendo assim, a/o professora/or deverá buscar a melhor maneira de avaliar. Para o bom funcionamento da escola, é preciso que todos os envolvidos tenham em mente que os atos de (re)planejar e de (re)avaliar devem ser uma rotina. Não como uma ação burocrática, mas como um momento de reflexão sobre as ações diárias que tenham impacto significativo, acolhedor e amoroso sobre o maior objetivo da instituição: o aprendizado do educando.

Professoras e professores deverão estar atentas/os e engajadas/os numa postura pedagógica que pratique uma avaliação que não seja domesticadora ou castradora (Freire, 2002), mas sim uma avaliação que ajude a processar uma aprendizagem que vise formar cidadãos completos, capazes de pôr em prática os ensinamentos construídos. Desse modo poderemos colaborar para a construção da sociedade com a qual sonhamos e cujos cidadãos não se permitam fazer parte de uma escola como a criticada por Ludke e Mediano (1992):

A instituição escolar é o cenário no qual aprendemos a substituir nossa autoestima pela avaliação que os demais fazem de nós, a conformar a primeira, e a segunda, ou, o que dá no mesmo, a deixar que os outros decidam nosso valor (Ludke e Mediano, 1992, p. 136).

Luckesi (1990) alerta que a avaliação com função classificatória não auxilia em nada o avanço e o crescimento de estudantes e de professores, pois se constitui num instrumento estático e frenador de todo o processo educativo. Segundo o autor, a avaliação com função diagnóstica, ao contrário da classificatória, constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação e do crescimento da autonomia.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem, segundo Bloom (1993) apresenta três tipos de funções: diagnóstica (analítica), que verifica os conhecimentos prévios das/os estudantes; formativa (controladora), que é realizada durante todo o decorrer do ano letivo; somativa (classificatória), que é realizada ao final de cada unidade de ensino ou ao final de um curso.

A avaliação diagnóstica auxilia a/o professora/or a detectar ou fazer uma verificação dos conteúdos e conhecimentos das/dos estudantes. E, a partir dos dados desse diagnóstico, realizar o planejamento de ações que supram as necessidades e atinjam os objetivos propostos. Com isso se utiliza a avaliação de aprendizagem como suporte para o planejamento de ensino. Recomenda-se aplicar este tipo de avaliação no início do processo de ensino-aprendizagem. E, para isto, a/o docente pode lançar mão de: entrevistas com estudantes, ex-professores, orientadores, pais e familiares; exercícios ou simulações para identificar colegas com quem a/o estudante se relaciona; consulta ao histórico escolar/ficha de anotações da vida escolar; observações das/os discentes, particularmente durante os primeiros dias de aula; questionários, perguntas e conversa com elas/eles.

A avaliação formativa tem como objetivo verificar se tudo aquilo que foi proposto pela/o professora/or no seu planejamento – em relação aos conteúdos – está sendo atingido durante todo o processo de aprendizagem da/o estudante, passo a passo. Com isso é possível aplicar a recuperação paralela, onde esses resgatam os conceitos revisando-os ao longo do caminho e evoluindo cada um no seu ritmo.

Essa intervenção e postura da/o docente como mediadora/or tira de cena aquela prática de classificar estudantes com uma nota. Não se tem mais a visão da avaliação no resultado do teste e sim no potencial de desenvolvimento discente. A/o professora/or, como mediadora/or, refletirá sobre o processo e, a partir daí, tomará as decisões para replanejar suas ações com a intenção de intervir e adequar suas práticas em sala de aula para que a/o estudante aprenda e não simplesmente melhore sua nota. Tal avaliação pode ser aplicada nas seguintes ocasiões: diariamente, ao rever os cadernos, fazer e receber perguntas, observar o desempenho das/os estudantes, nas diversas atividades de classe; ocasionalmente, por meio de provas ou outros

instrumentos, mais ou menos formais; periodicamente, utilizando testes ao final de cada subunidade, unidade, projeto.

A avaliação somativa tem o objetivo de verificar o desempenho da/o estudante ao final de determinado período. Geralmente, está atrelada ao ato de atribuir notas e conceitos para ela/ele ser promovida/o ou não, de uma classe para outra ou de um curso para outro. Normalmente, é realizada ao final de um bimestre ou de um semestre. Podem ser utilizados para essa função da avaliação: uma prova ou trabalho final; uma avaliação baseada nos resultados cumulativos obtidos ao longo do ano letivo; uma mistura das duas formas acima.

3. AS REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE AVALIAÇÃO

Refletir e analisar a avaliação escolar, no que tange a fatores que direcionam a ação avaliativa, sobre quem se avalia, para que ou por que se avalia, é tarefa do corpo docente. O abandono de critérios formais de avaliação e a busca de uma educação que proporcione uma aprendizagem qualitativa e que oportunize a todos os educandos a aquisição do saber têm sido o ideal de educadores que almejam uma prática docente que seja crítica, construtiva e principalmente contextualizada. Objetivando conhecer o posicionamento das/os professoras/es a respeito da avaliação e identificar o modelo que julgam mais adequado ao primeiro segmento do Ensino Fundamental foi realizada uma pesquisa junto a um grupo de professoras, conforme já sinalizado.

Participaram da pesquisa quinze professoras de uma escola de Ensino Fundamental (que aqui será nomeada de “Escola Esperança”) localizada no bairro do Maracanã, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A partir das respostas apresentadas a um questionário on-line, foi traçado o perfil das profissionais – que atuam em turmas do primeiro ao quinto anos do Ensino Fundamental – pertencentes a essa escola, e analisados seus posicionamentos quanto às avaliações realizadas no cotidiano escolar com seus alunos. Trata-se de uma escola que conta com uma grande diversidade sócio-econômica-cultural, uma vez que atende a estudantes oriundos de vários bairros, e até de outros municípios, por localizar-se próxima a

estações de trem e de metrô. A diversidade cultural do corpo discente contribui para uma riquíssima troca de experiências.

A escola possui um Projeto Político Pedagógico estruturado, construído coletivamente e que prevê o trabalho por projetos didáticos, assim como o acesso de toda a comunidade escolar à Sala de Leitura da escola. As atividades propostas, as ações educativas traçadas nesta unidade escolar visam ser dialógicas e reflexivas a partir do reconhecimento de valores, da ética, de regras, etc. Tais atividades são desenvolvidas de forma interdisciplinar, onde a realidade do dia a dia se entrelaça às ações pedagógicas, trazendo sentido, assim, ao aprendizado dos alunos, no intuito de transformá-los em cidadãos conscientes de seus direitos e deveres na sociedade. Além de, também, serem voltadas para o bom andamento da instituição, para a transparência e para o bem-estar de professores e funcionários, dando-lhes boas condições de trabalho.

A partir das respostas apresentadas, pode-se observar que, quanto à formação acadêmica, 93,4% das profissionais que responderam ao questionário são formadas em nível superior. Dessas, 46,7% possuem pós-graduação na área de educação. Do total de professoras, 6,6% possuem formação em nível médio (antigo Curso Normal). Em relação ao tempo de magistério, a maioria (60%) atua em sala de aula há mais de vinte anos.

Quanto aos instrumentos de avaliação, as profissionais informaram optar por instrumentos utilizados periodicamente, no cotidiano da sala de aula, tais como observações durante as aulas, produções textuais e provas elaboradas por elas, e também por instrumentos estanques que servem apenas de *constatação*, que são as provas elaboradas pela SME/Rio. As professoras, em sua maioria, demonstraram, por meio de suas respostas, que utilizam a avaliação diagnóstica e a formativa como forma de acompanhar o desenvolvimento das/os estudantes. Nota-se que a maioria das professoras considera esse o tipo de avaliação mais eficaz do que a avaliação somativa.

Foi perguntado a elas, também, sobre sua percepção em relação à dificuldade em avaliar as/os discentes. Nesse item, 73,3% responderam que há dificuldade. Quanto às avaliações externas, a resposta das professoras foi unânime: a totalidade das entrevistadas respondeu que esse tipo de avaliação não retrata fielmente o aprendizado das turmas. Havia uma questão de

resposta aberta, para que as docentes pudessem expressar livremente – caso quisessem – considerações sobre avaliação escolar. Foi um momento oportuno para elas expressarem o que entendiam por *avaliação escolar*. Do total de quinze professoras, onze registraram um comentário sobre sua concepção de avaliação. Eis as respostas:

Para mim, é um processo difícil, que precisa ser personalizado e diário. Com o objetivo de ajudar aluno e professor. Com turmas muito grandes, esse processo é prejudicado (Prof. 3).

A avaliação escolar não é feita, ainda, da forma como considero correta. Continua sendo um instrumento de medição e punição (Prof. 6).

Quando a educação for vista de forma positiva, onde o conhecimento seja compartilhado por todos de forma igualitária, gerando as mesmas oportunidades, essa avaliação não precisará mais existir, pois tudo já estará claro e os alunos não precisarão provar mais nada através de notas e conceitos (Prof. 7).

É um processo contínuo, complexo, realizado diariamente e cada vez mais difícil de se realizar. As provas são apenas instrumentos para medir a aprendizagem e mostrar quais conteúdos foram apreendidos e quais devem ser revistos (Prof. 8).

Para alunos do 1º ano acho desnecessário submetê-los à prova. A observação diária e as atividades realizadas em sala de aula são suficientes para avaliar a aprendizagem dos alunos (Prof. 10).

Esteban (2002) entende como desafio a possibilidade de a teoria e a prática da avaliação dialogarem numa mesma perspectiva, viabilizando a construção de uma pedagogia crítica comprometida com o sucesso escolar. A escola *Esperança* oferece ao corpo discente uma educação emancipatória. Sua equipe docente oportuniza ao aluno ferramentas para fazer a leitura de mundo necessária para conquistar o seu espaço enquanto cidadão e desenvolver conscientemente a sua autonomia, utilizando-se da formação crítica e reflexiva que devemos desenvolver ao longo da vida de modo a superar e a lutar por eliminar qualquer tipo de desigualdade e preconceito.

Essa escola como espaço democrático, onde as diferenças e diversidades são acolhidas e respeitadas, coloca o estudante como o centro do processo de aprendizagem. Com esse

olhar, a postura da equipe docente não poderia ser outra em relação às ações relacionadas à avaliação. Observou-se que utilizam a avaliação formativa acreditando ser esta a mais adequada, pois possibilita um *feedback* rápido para o (re) planejamento das ações. Há também a presença da avaliação somativa (provas elaboradas pela SME/Rio) que se dá ao fim de um determinado período de tempo, não permitindo que haja uma ação dialógica entre educador e educando.

É possível verificar uma preocupação em proporcionar ao discente a preparação para o convívio em sociedade, buscando a formação do sujeito crítico que busque sua cidadania. A justificativa para tal é a consciência do papel da educação pública na formação de uma sociedade mais justa, sendo a escola um espaço de formação e não apenas de aprendizagem. Percebe-se que as professoras enfatizam o uso da avaliação formativa ou mediadora como instrumento de verificação do desenvolvimento do educando e também como meio de intervir em determinados casos, atentando para as especificidades dos educandos. Tal proposição ficou evidente nas seguintes considerações:

A avaliação deve ser diária, sempre levando em conta o que o aluno sabe para, a partir daí, traçarmos os nossos objetivos (Prof. 1).

Avaliação é um instrumento amplo que envolve a leitura do aluno sob diferentes aspectos e deve acontecer em todas as atividades escolares para oferecer ao professor uma melhor visão do aluno, seus saberes e compreensão do mundo (Prof. 4).

O aluno vai desenvolvendo sua aprendizagem de acordo com sua capacidade de compreensão e a avaliação é um processo contínuo, pois se pode avaliar o tempo todo de acordo com os objetivos da proposta. Os alunos com necessidades específicas devem ser avaliados de outra forma com adaptação de conteúdos (Prof. 5).

Utilizo a avaliação escolar para saber que pontos precisos voltar para que meus alunos aprendam o necessário. Mas ela também me mostra evolução (ou não) desse mesmo aluno. Minhas avaliações são mais diárias e, aí sim, a prova é só um instrumento para mostrar aquilo que percebi em todo o bimestre (Prof. 9).

A avaliação é realizada diariamente através das atividades realizadas em sala (Prof. 11).

Todas estas considerações deixam entrever uma preocupação das docentes com o desenvolvimento das/os estudantes, e a compreensão de sua atuação para que aquelas/es avancem em seus processos de aprendizagem. Conforme sinalizado por Hoffmann:

A ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício ao educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado. (...) Pela curiosidade de conhecer quem educa e conhecendo, a descoberta de si próprio. Conhecimento das possibilidades dos educandos de contínuo vir a ser, desde que lhe sejam oferecidas as oportunidades de viver muitas e desafiadoras situações de vida, desde que se confie neles diante dos desafios que lhe oportunizamos (Hoffmann, 2003, p.150).

E é acreditando nisso que as professoras participantes da pesquisa realizam uma avaliação que caminha com o PPP da escola, que está ligada ao planejamento e que proporciona o conhecimento de como a/o estudante aprende, favorecendo o seu crescimento. Os instrumentos avaliativos tais como testes, produções textuais, trabalhos em grupo e individuais, na concepção dessas professoras, devem ser preparados de forma a também colaborar com o crescimento e desenvolvimento da/o estudante. Assim, esses instrumentos deverão ser capazes de permitir que elas/eles expressem o seu potencial. Os dados por eles coletados devem ser examinados com rigor científico (Luckesi, 1990) para que todas as hipóteses formuladas pelas/os estudantes sejam percebidas e identifiquem o nível em que as/os mesmas/os se encontrem, para, a partir daí, realizarem novos planejamentos:

A avaliação escolar é um ótimo instrumento, não só para o aluno, mas principalmente para servir de guia ao trabalho do professor (Prof. 2).

O educador deve ter, portanto, um conhecimento mais aprofundado da realidade na qual vai atuar (uma ação diagnóstica), para que o seu trabalho (sua prática; suas ações pedagógicas) seja dinâmico, criativo, inovador, atraente e acolhedor. Assim, colabora para um sistema de avaliação mais justo que não exclua a/o estudante do processo de ensino-aprendizagem, mas a/o inclua como ser crítico, ser reflexivo e participativo dos momentos de transformação da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo pode-se perceber que a avaliação que se pratica na escola Esperança reflete a postura pedagógica das educadoras, que seguem as determinações da SME/Rio aplicando as avaliações externas, mas que mescla tal ação com os seus objetivos e metas de avaliação contextualizada com a realidade de seus estudantes, tendo o suporte em seu PPP. Percebe-se que elas sinalizam que as avaliações externas (Provinha Brasil; provas da SME/Rio) não permitem aos educandos o desenvolvimento do seu potencial, não exploram a criatividade e a criticidade da criança, o que seria de suma importância na formação da sua autonomia. Dessa forma, faz-se necessária uma reflexão mais elaborada nesse aspecto, já que não se pode mais tomar a avaliação como simples verificação ou constatação de resultados, algo que serve apenas para averiguar o desempenho do aluno.

Sendo a avaliação cercada de intencionalidade, note-se que, nessa perspectiva, ela está a serviço de uma pedagogia autoritária, tradicional e classificatória. Em contrapartida, a avaliação formativa é vista como um referencial para garantir a evolução das/os estudantes. Ela não tem como pressuposto a punição ou premiação. Não é uma sentença arbitrária, mas uma maneira de entender quais são as dificuldades das/os discentes e, a partir daí, possibilitar seu desenvolvimento. Ela se configura em uma ação diagnóstica e dialógica, uma forma de estreitar a relação professor-aluno, colocando este último a par de sua aprendizagem, como sujeito e não como objeto.

Percebe-se que, para a realização de um trabalho pedagógico onde o fundamental é a construção de conhecimentos, onde se defenda uma prática libertadora, as professoras optaram pela avaliação formativa como o caminho mais significativo, pois esta se dá durante o processo de ensino-aprendizagem, dando ao educador e ao educando a flexibilidade do replanejamento e reestruturação dos objetivos.

A avaliação formativa propicia uma visão individualizada do desenvolvimento do educando. Não se analisa o que o aluno não atingiu diante dos objetivos traçados pelo professor, mas o que alcançou individualmente. É importante perceber que para elas o erro apresentado pela criança é cercado de lógica. Sendo assim, a prática de avaliação que

beneficia a aprendizagem deve levar em consideração que o erro é parte do processo e não deve ser visto como um distúrbio do educando. Para que a avaliação da aprendizagem represente seu verdadeiro papel de contribuir para o processo de aprendizagem, visando a qualidade, se faz necessária uma ampla reformulação no sistema educacional. Sabe-se que a ação avaliativa não pode ser transformada se não tiver inserida em um projeto político pedagógico de transformação social.

A avaliação escolar com ações excludentes cala as pessoas, suas experiências, vivências; em suma, encobre sua bagagem cultural. E a desvalorização de saberes acaba dando suporte à hierarquia elitizada existente, contribuindo para que diversos saberes sejam dispensados, percam sua essência e se confirmem como ausência do conhecimento. A/ao educadora/or, em princípio, cabe conscientizar-se da importância e das implicações da avaliação em toda vida da/o estudante, para que, depois, comprometa-se em praticar uma avaliação que contribua para o crescimento e desenvolvimento do educando, sendo então mediadora e consequentemente ajudando na transformação social e formação do cidadão.

Em síntese, avaliar é acompanhar de perto a aprendizagem da/o estudante, por meio de observações cotidianas, examinando minuciosamente seus avanços individuais. É compreender que todo erro envolve uma lógica própria e representa uma etapa no processo de construção do conhecimento. A/o professora/or que utiliza a avaliação apenas como forma de constatação pode ter o olhar de que a/o estudante não apresentou nenhum tipo de progresso. Em contrapartida, a/o professora/or que realiza a avaliação formativa sabe que essa/esse estudante evoluiu individualmente e pode elaborar atividades que propiciem o seu desenvolvimento ainda mais.

O ato de avaliar nos propicia uma análise crítica do processo educativo, sendo capaz de nos mostrar o progresso, as problemáticas existentes, enfim, outros objetivos a serem descobertos e alcançados. Sendo assim, a/o educadora/or que busca colaborar para que a/o estudante se desenvolva em seus aspectos cognitivos, pessoais e sociais, precisa estar disposto a rever suas ações, fazendo um exercício de se autoavaliar. Avaliar requer postura crítica para que a obtenção dos resultados seja o início para o próximo passo, e não um fim.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 7ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BLOOM, B.S. HASTINGS, T. MADAUS, G. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FERNANDES, Claudia de Oliveira. **A construção de uma outra escola possível**. Coleção Ciclos em Revista: Rio de Janeiro: Wak editora, 2007.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à Universidade**. 20ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 16ª ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1991.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- LUCKESI, Cipriano. **Prática Docente e Avaliação: Série Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro: ABT, 1990.
- LUDKE, Menga, MEDIANO, Zélia D. **Avaliação na Escola de Primeiro Grau: Análise Sociológica**. Campinas: Papius, 1992.
- RUSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

Submetido: 29/04/2023

Aprovado: 18/07/2024